

Elane Santos e Santos
Silvana Silva de Farias Araújo

A RELEVÂNCIA DE *CORPORA* PARA O ESTUDO DO PORTUGUÊS POPULAR BRASILEIRO: CARTAS BAIANAS DO SÉCULO XX

RESUMO

A constituição de *corpora* que apresentem produtos gráficos de escreventes pouco familiarizados com as normas da escrita tem sido muito importante para os estudos linguísticos no Brasil, pois revela indícios da variedade português popular brasileiro, que surge do uso da grande parcela da população que não obteve acesso à educação formal e direitos básicos de cidadania. O *corpus* analisado neste artigo é do estudo de Santiago (2012) com cartas pessoais do século XX, escritas por sertanejos baianos de pouca escolaridade. Essa amostra contribui substancialmente para os estudos que almejam construir uma sócio-história do português brasileiro, por meio da história da cultura escrita, que reconhece a vertente popular do português, utilizada pela população de pouca escolaridade, e que por muito tempo foi considerada um “desvio” da norma padrão.

Palavras-chave: Português popular brasileiro. Cartas baianas. Polaridade linguística brasileira. História da cultura escrita.

THE RELEVANCE OF CORPORA FOR THE STUDY OF THE POPULAR BRAZILIAN PORTUGUESE: LETTERS FROM BAHIA OF THE TWENTIETH CENTURY

ABSTRACT

The constitution of corpora that presents graphical products of scribes who are unfamiliar with the norms of writing has been very important for the linguistic studies in Brazil, since it reveals evidence of the popular Brazilian Portuguese variety, that arises from the use of the great portion of the population that did not obtain access to formal education and basic rights of citizenship. The corpus analyzed in this article is from the study of Santiago (2012) with personal letters of the twentieth century written by Bahian “sertanejos” of little schooling. This sample contributes substantially to the studies that aim to build a socio-history of Brazilian Portuguese that recognizes the popular Portuguese side, used by the population of little schooling, which, for a long time, was considered a “deviation” from the standard norm.

Keywords: Brazilian popular Portuguese. Letters from Bahia. Brazilian linguistic polarity. History of written culture.

LA RELEVANCIA DE CORPORA PARA EL ESTUDIO DEL PORTUGUÉS POPULAR BRASILEÑO: CARTAS BAIANAS DEL SIGLO XX

RESUMEN

La formación de *corpora* que presentan productos gráficos de escribas poco familiarizados con las normas de escritura ha sido muy importante para el estudio de la lengua en Brasil, ya que revela la evidencia de la variedad portuguesa popular brasileña, que surge del uso de la gran parte de la población que no tienen acceso a la educación formal y derechos básicos de ciudadanía. El *corpus* analizado en este artículo es del estudio de Santiago (2012) con cartas personales del siglo XX, escritas por *sertanejos* baianos de baja escolaridad. Esta muestra contribuye sustancialmente a los estudios que tienen como objetivo la construcción de la sociohistoria del portugués de Brasil, por medio de la historia de la cultura escrita, que reconoce la vertiente popular del portugués utilizado por las personas con bajo nivel de educación y ha sido considerado como una “desviación” de la norma estándar.

Palabras clave: portugués popular de Brasil. Cartas baianas. Polaridad lingüística brasileña. Historia de la cultura escrita.

LA PERTINENCE DE CORPORA POUR L'ÉTUDE DU PORTUGAIS POPULAIRE BRÉSILIEN: LETTRES DE BAHIA DU XXE SIÈCLE

1 INTRODUÇÃO

Conceber a formação da língua portuguesa no Brasil tem sido tarefa de muitos pesquisadores. Rosa Virgínia Mattos e Silva, grande estudiosa da língua portuguesa no Brasil, aponta em sua obra *Ensaios para uma sócio-história do português brasileiro* (2004), que para a reconstrução de uma história do português brasileiro (PB) é necessário examinar o passado linguístico e sócio-histórico do Brasil, considerando o contexto linguístico ocorrido no período colonial, em razão do multilinguismo generalizado. Essa situação ocorreu em virtude da presença da língua do português europeu, das línguas gerais indígenas e do português geral brasileiro, sendo este, propagado pela oralidade e em situação imperfeita de aquisição, por meio da expressiva parcela da população africana e afrodescendente no período colonial. Essa variedade de língua é considerada pela autora como antecedente histórico do português popular brasileiro (PPB). Entretanto, para a reconstrução do passado dessa variedade da língua portuguesa se faz necessário encontrar indícios da sua presença em nossa história, tarefa que se torna difícil, por conta da impossibilidade de acesso à oralidade de sincronias passadas. No entanto, um dos caminhos para esta investigação são os produtos gráficos de pessoas que não tiveram acesso aos padrões normativos escolares. Essas produções se tornam muito significativas para os estudos linguísticos, pois, de acordo com Barbosa (2006), tais documentos transmitem na escrita aspectos dos usos vernáculos. Sendo assim, fornecem vestígios do português popular brasileiro, que, conforme Mattos e Silva (2008, p. 23), “[...] fez-se e faz-se, ainda, não tanto quanto antes, é claro, na oralidade”.

Este artigo pretende analisar o valor de *corpora*¹ para os estudos do português popular brasileiro, especialmente através do trabalho de Santiago (2012) com cartas pessoais de escreventes baianos com baixo nível de letramento, oriundos da zona rural dos municípios de Riachão de Jacuípe, Conceição do Coité e Ichu, localizados na região do semiárido baiano. As cartas foram escritas entre 1906 – 2000 com a finalidade de obter/dar notícias familiares, expressar saudades e pedidos. Esses materiais evidenciam a pouca habilidade dos remetentes

com a escrita em vários planos, que são embasados a partir dos trabalhos de Marquilhas (2000), Barbosa (1999) e Oliveira (2006). Portanto, visando fornecer bases para esta discussão, serão abordadas considerações importantes acerca da formação do português brasileiro, da polaridade linguística no Brasil, a relevância de *corpora* representativos do português popular brasileiro e a análise da escrita de sertanejos baianos pouco escolarizados.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

O português brasileiro floresceu em um ambiente constituído por línguas africanas, indígenas e o português europeu. Diante disso, é notório que, para estudar a formação dessa língua, deve-se levar em conta aspectos sócio-históricos presentes no seu desenvolvimento, tendo em vista os fatores que condicionaram a instituição do PB que conhecemos. Conforme Mattos e Silva (2004), foi Serafim da Silva Neto (1950) quem primeiro propôs reconstruir o passado do português brasileiro, adotando desde a década de 1940 duas teses: a da unidade e do conservadorismo do português brasileiro, que foram consideradas de cunho eurocêntrico ou “lusitanófila”, pois abordavam a vitória da língua portuguesa, a superioridade da língua do colonizador sobre as demais que aqui existiam. Para chegar a esta conclusão, o autor buscou traçar fatores condicionantes na formação do português brasileiro, evidenciando o contato da língua do colonizador com as línguas dos indígenas e africanos, denominadas por ele de “aloglotas”.

Mattos e Silva (2004) reconhece a importância dos estudos de Serafim da Silva Neto, no entanto demonstra que, para entender a formação do PB, é necessário considerar fatores sócio-históricos, como: a demografia histórica do Brasil do século XVI ao XIX; a mobilidade populacional dos africanos e afrodescendentes no Brasil colonial e pós-colonial; a escolarização ou sua ausência do século XVI ao XIX; e as reconfigurações socioculturais, políticas e linguísticas ao longo do século XIX. Sobre a demografia, a autora partindo dos estudos de Mussa (1991), aponta que nos grupos étnicos e linguísticos ao longo do período colonial e pós-

-colonial, prevaleciam etnias não brancas “[...] numa média aproximada de 70% para as não brancas e de 30% para a etnia branca. Ressalte-se que até meados do século XIX a etnia branca estava representada, quase exclusivamente, pelos portugueses e luso-portugueses.” (MATTOS E SILVA, 2004, p. 126).

Ao abordar a mobilidade populacional dos africanos e afro-brasileiros, a autora salienta a partir dos trabalhos de Robert Conrad (1978 [1972]) e Kátia Mattoso (1990 [1979]) que, durante os séculos XVI e XVII, essa parcela da população no Brasil era retida nas lavouras de cana-de-açúcar das capitanias litorâneas. Dos séculos XVII e XVIII, houve transição para os interiores paulistas e para o centro-oeste por conta da mineração do ouro. Nos séculos XVIII e XIX, houve uma retomada para o litoral, ocorrendo um novo impulso na produção açucareira. No século XIX, há concentração em locais onde se passou a explorar o café, como no vale do rio Parnaíba do Sul, áreas paulistas, no Rio de Janeiro e de Minas Gerais; no Maranhão para a colheita de algodão e fumo; e na Amazônia com a extração de especiarias. Com isso, Mattos e Silva (2004) afirma que a população africana e afrodescendente foi sempre a maioria que pôde mobilizar-se pelo interior do território. Para a autora, “[...] os africanos e afro-descendentes a maioria sempre nesse período, teria sido certamente esse segmento “sem voz” da população brasileira o principal difusor do português geral brasileiro.” (MATTOS E SILVA, 2004, p. 130). Em relação ao fator escolarização, a autora aponta, partindo de Houaiss (1985), que no fim do século XVIII havia meros 0,5% de letrados no Brasil. Dessa forma, ao comparar esse fator com a questão demográfica, a autora evidencia o porquê predomina no Brasil o designado português popular brasileiro. Sobre as reconfigurações socioculturais, políticas e linguísticas ao longo do século XIX, Mattos e Silva (2004) coloca que, na segunda metade do século XVIII, a partir dos decretos do Marques de Pombal, a língua portuguesa se torna oficial e língua da escola no Brasil e no século XIX, há ainda a transferência da corte para o Rio de Janeiro. Sendo assim, conforme a autora, ao longo do período colonial ocorreu um:

[...] multi/bilinguismo generalizado, principalmente entre a população africana

e afrodescendente e a lusitana e luso-descendente [...] No século XIX, se pode dizer que o multi/bilinguismo se torna localizado, caracterizando certas áreas brasileiras, mas já com outra configuração. (MATTOS E SILVA, 2004, p. 132)

Desse modo, o panorama da formação da língua portuguesa no Brasil revela-se amplo, pois, como visto anteriormente, o português brasileiro é resultado do multilinguismo ocorrido através das línguas do português europeu, indígenas e do português geral brasileiro. Esse processo, resultou em uma língua com diferentes marcas, provenientes dos fatores ocorridos ao longo do seu desenvolvimento. Na próxima seção serão abordadas as consequências que a pluralidade linguística ocorrida na formação da sociedade brasileira ocasionou para o português do Brasil.

3 A POLARIDADE LINGUÍSTICA BRASILEIRA: PORTUGUÊS CULTO *VERSUS* PORTUGUÊS POPULAR

A realidade linguística brasileira reflete a forma em que a sociedade foi estruturada. Na organização social, observa-se que aqueles que pertencem as classes prestigiadas obtêm acesso à educação de qualidade, saúde e uma renda altamente superior à dos que se encontram nas classes desprestigiadas. Consoante Lucchesi (2015, p. 34), “O Brasil é um dos países com maior concentração de renda do planeta [...] enquanto uns poucos privilegiados têm acesso [...] a todos os direitos da cidadania [...] boa parte da população vive na pobreza”.

No Brasil, desde a colonização portuguesa, a população africana e indígena foi colocada à margem da sociedade. Os indígenas, inicialmente forçados ao trabalho escravo, foram em sua grande parte dizimados², e os africanos trazidos à força para o território brasileiro, também sofreram o processo de escravização que perdurou por mais de três séculos. A partir dessa realidade, Lucchesi (2006) explica que a polarização linguística ocorrida no Brasil relaciona-se a esse período vivido pela nossa história. De acordo com o autor, a clivagem social estabelecida no Brasil fabrica uma cli-

vagem linguística, que não se refere apenas ao uso da língua, mas a avaliação social das variantes linguísticas. Lucchesi (2006) afirma que, desde a colonização até a Proclamação da República, a elite que convivia nos centros urbanos procurava resguardar os modelos de uso da língua proveniente de Portugal, enquanto no interior do território os índios aculturados e os africanos adquiriam a língua portuguesa em condições precárias. Por conseguinte, essa língua adquirida em condições imperfeitas se tornava o modelo para os descendentes dessas gerações, o que provocou intensas alterações na gramática da língua portuguesa realizada por esta população vivida à margem da sociedade. Com isso, de acordo com o autor, se estabelece a formação das duas grandes vertentes do português brasileiro:

[...] a *norma culta*, derivada do uso linguístico de uma elite escolarizada, e a *norma popular*, que emerge do uso da grande maioria da população do país, desprovida de educação formal e dos demais direitos da cidadania, com os previsíveis reflexos na língua da pluralidade étnica que está na base da sociedade brasileira. (LUCCHESI, 2006, p. 88)

A noção de norma linguística é estabelecida por Lucchesi (1994, 2001, 2002, 2015) com base na concepção de comunidade de fala reconhecida por Labov (1974), Lucchesi (2006) relata que a proposição de normas linguísticas diferentes numa mesma comunidade de fala acontece por conta da probabilidade de ser encontrado no interior da comunidade, sistemas de avaliação social distintos sobre a variação linguística. A percepção de uma realidade polarizada já foi apontada por Serafim da Silva Neto, desde a década de 1950, conforme Araújo (2017), o autor buscou tratar na história externa o entendimento para a origem e identidade do português brasileiro através de fontes historiográficas e etnográficas, desse modo, rompendo “[...] com discussões mais motivadas por arroubos nacionalistas (reinales no Brasil até a primeira metade do século XX) do que por considerações contextualizadas em torno da língua portuguesa no Brasil.” (ARAÚJO, 2017, p. 46). De acordo com a autora, apesar de Silva Neto expressar uma visão preconceituosa, que sobrepunha

a cultura europeia das culturas indígenas e africanas, o autor já mencionava³ uma bipolaridade linguística ocorrida na história da formação da sociedade brasileira. Portanto, à medida que o português era apreendido como segunda língua, por indivíduos adultos, sem normatização⁴, e passado para as gerações seguintes através do processo de *transmissão linguística irregular*⁵ começa-se, segundo Araújo (2017, p. 50), a polarização sociolinguística brasileira, especialmente nos centros urbanos. “De um lado, o português “modificado”, falado pelo extenso contingente populacional do Brasil, e de outro, o português idealizado pela escassa elite brasileira, zeladora dos padrões linguísticos e culturais”

Segundo Lucchesi (2015), o fim da escravidão africana, em 1888, e a inserção de milhões de imigrantes europeus e asiáticos no Brasil, no fim do século XIX e início do XX ocasionou uma redução entre as diferenças étnicas da polarização linguística. No entanto, os processos de industrialização e urbanização, iniciados a partir de 1930 definiram os contornos atuais da polarização sociolinguística brasileira. O crescimento tardio e subordinado ao capitalismo levou a propagação muito restrita ou precária da norma culta (variedade da língua socialmente valorizada). Quanto à norma popular, o ambiente de miséria das grandes cidades e os migrantes rurais resguardam, em grande parte, a linguagem e a cultura do campo, ao mesmo tempo em que sofrem a influência cultural e linguística dos meios de comunicação de massa que prestigiam a variedade culta, falada pelos “bem-educados”. Enquanto isso, a variedade linguística utilizada pelos membros dos segmentos inferiores da sociedade é estigmatizada e considerada como um “desvio” da forma padrão. Desse modo, Lucchesi (2015) aponta existir uma oposição entre *norma linguística culta* (português culto brasileiro) e *norma linguística popular* ou *vernáculo* (português popular brasileiro) no complexo diassistema do português do Brasil.

Mattos e Silva (2004) relata que, com o avanço dos estudos na área da linguística e a implementação de estudos de historiadores, antropólogos e sociólogos, não é cabível a aceitação de afirmações tradicionais como variante padrão e língua ideologicamente pres-

tigiada. A autora salienta que “[...] a sociolinguística sobre o português vem demonstrando, sendo, certamente a característica mais investigada a concordância variável de número, verbo-nominal e nominal” (MATTOS E SILVA, 2004, p. 107). E para se fazer a reconstrução da história do português popular brasileiro, Mattos e Silva (2008) retrata a relevância de se pesquisar no território brasileiro as variedades do português, principalmente de pessoas não escolarizadas, nas inúmeras áreas rurais brasileiras. Por esta razão, veremos adiante que os produtos gráficos de escreventes não escolarizados são extremamente importantes para os estudos no âmbito da linguística histórica, pois retratam fontes para a reconstrução da sócio-história da variedade português popular brasileiro.

4 A RELEVÂNCIA DE ESTUDOS COM CORPORA REPRESENTATIVOS DO PORTUGUÊS POPULAR BRASILEIRO

Mattos e Silva (2008) sugere pautas de pesquisas para a história do português culto e popular. A autora ressalta que, olhando o passado através do presente e considerando que o português brasileiro é heterogêneo, plural e polarizado, faz-se necessário admitir vias distintas de investigação para a reconstrução do passado do português brasileiro culto e do português brasileiro popular ou vernáculo.

Sobre o PPB, a autora argumenta que esse, se fez e se faz na oralidade e, por esta razão, o percurso de reconstrução do seu passado é diferente da reconstrução do passado do português brasileiro culto, que se constitui numa tradição escrita. A autora aborda que o português geral brasileiro, antecedente histórico do português popular brasileiro, formado na oralidade tem de ter a investigação do seu percurso histórico feita através de uma metodologia denominada pela autora de arqueológica, na qual se utiliza inúmeras evidências validadas pelas teorias do contato linguístico e da história social do Brasil, para se chegar a definições eloquentes. Sendo este processo semelhante, *mutatis mutandis* e *modus in rebus*, conforme a autora, ao ocorrido com a reconstrução do “latim vulgar”. Logo, a pesquisa vertical das variantes populares do PB não deve se restringir

apenas as urbanas, mas sim também as variantes rurais de todo o Brasil, interligando os usos do presente com o passado das comunidades rurais. Desta forma, pode-se transcender os estudos que apresentam “influências” africanas e indígenas na língua portuguesa do Brasil. Mattos e Silva (2008) ainda declara que é necessário se analisar o contexto socioeconômico brasileiro, pois a história demonstra que a língua predominante socialmente foi adquirida pela população de origem familiar não europeia, através da oralidade e sem a normatização da escola, originando formas que configuram o português popular brasileiro.

Para o estudo de formas que representam o PPB, Barbosa (2006) aponta que são importantes os documentos que apresentam uma escrita aproximada do vernáculo:

[...] chamamos *escrita cotidiana*, aquela menos opaca a aspectos da oralidade. Para irmos além das sensações, um dos caminhos de verificação empírica é tentar encontrar dados que façam recuar no tempo, em fenômenos variáveis, o registro escrito de variantes comuns, hoje, na oralidade. Outro caminho de confirmação desse caráter menos *artificial* pode ser tentar identificar estratégias de fragmentação vinculadas à oralidade³. (BARBOSA, 2006, p.25)

Com isso, a relevância de tais documentos é muito significativa e agrega interesses sobre a investigação desses materiais no âmbito da linguística histórica e da filologia. Reconstruir o passado do PPB, constituído na oralidade, passa a ser um trabalho difícil, mas não impossível, tornando-se um dos critérios do projeto *Para a História do Português Brasileiro*⁶, uma vez que os documentos deixados por aqueles que utilizavam a variedade não culta da língua, revelam indícios de como tal variedade era instituída e proporciona condições para desvelarmos vozes que, em geral, foram silenciadas na história. Sendo assim, Barbosa (2006) aponta que as pesquisas com *corpora* representativos da língua portuguesa no Brasil nos séculos XVIII, XIX e XX avançaram nos últimos anos. No entanto, conforme

o autor, dentre as dificuldades de se construir *corpora* de sincronias passadas destacam-se as seguintes: reconhecer se realmente são autógrafos; a naturalidade dos escreventes; a tradição discursiva a qual recorreram; o controle do sexo dos escreventes; grande quantidade de volume dos documentos, para estudo diacrônico; edição de textos de diferentes partes do Brasil de acordo com os mesmos critérios; confrontar textos impressos a manuscritos; trabalhar com tipologias diferenciadas e controle de elementos de uma escrita cotidiana. O autor enfatiza que, dentre os critérios selecionados, os que denotam a propriedade da escrita de determinado grupo social de certa época, escrita cotidiana por exemplo, são muito valiosos, pois, a escrita cotidiana é o mais próximo que a modalidade escrita apresenta da oralidade e nos leva a perceber as práticas linguísticas recorrentes da norma geral vernácula.

Ainda assim, Barbosa (2006) indica que a dificuldade de reconhecer os padrões da cultura escrita de cada época alarga a oposição entre saber o que era comum na fala do escrevente e o que ele colocava no papel. Por isso, o autor recomenda estratégias que visam atenuar esta questão: “1) reunir, quando possível, informações sobre o perfil sócio-cultural de cada autor [...] 2) examinar gramáticas e manuais de cada período [...] 3) identificar redatores inábeis ou pouco hábeis por meio de marcas paleográficas e supragráficas” (BARBOSA, 2006, p. 28). Sobre a terceira estratégia, espera-se encontrar nos produtos gráficos de escreventes inábeis ou pouco hábeis um maior índice de marcas da oralidade na sua grafia. Sobre a identificação e as pesquisas que utilizaram a escrita de redatores com baixo nível de letramento serão abordadas na seção a seguir.

4.1 A escrita de “mãos inábeis” do semiárido baiano

De acordo com Barbosa (2006) as mãos inábeis estão relacionadas ao treinamento da escrita. No período colonial, por exemplo, podia-se concernir um inábil ou analfabeto como conhecedor dos textos modelos, incorporado a alta sociedade por exercer cargos notórios e com isso, ser considerado pelos seus contemporâneos como culto, que entretanto não dominava

o método da escrita. O trabalho de Santiago (2012) revela cartas inéditas de escreventes inábeis, redatores estacionados em fase inicial de aquisição da escrita, do interior do estado da Bahia. As missivas foram editadas pela autora e apresentam 91 cartas⁷ pessoais, escritas entre 1906-2000, por 43 sertanejos, de pouca escolaridade, provenientes da zona rural dos municípios de Riachão de Jacuípe, Conceição do Coité e Ichu, localizados na região do semiárido baiano. O perfil biográfico dos escreventes foi levantado pela autora, através de entrevistas com os destinatários, alguns remetentes, e seus familiares, consulta a documentos pessoais de alguns remetentes e de informações relevantes encontradas nas cartas. Os escreventes em sua totalidade fazem parte do mesmo contexto sociocultural, são 23 mulheres e 20 homens. As cartas foram trocadas entre familiares, compadres, namorados e amigos, principalmente para expressar saudades, obter notícias familiares e fazer pedidos.

Santiago utiliza a expressão “mãos inábeis”, empregada no trabalho de Marquilhas (2000) com arquivos da Inquisição, do século XVII, que aplica critérios da paleografia italiana para análise da escrita de “[...] autores materiais de um texto enquanto falantes estacionados em fase incipiente de aquisição da escrita, recorre à expressão <<scripteurs maladroits>> [...] doravante a tradução <<mãos inábeis>>” (MARQUILHAS, 2000, p. 235). Sendo assim, Marquilhas (2000) sugere que, para se reconhecer as produções gráficas de mãos inábeis é necessário observar a sua aparência física, formada pela caligrafia e as particularidades do suporte, e elenca os seguintes parâmetros: ausência de *cursus* (desenho autônomo de cada caráter em razão da falta de agilidade); uso de módulo grande (dificuldade em colocar as letras num módulo pequeno); ausência de regramento ideal (incapacidade de respeitar um pautado mental); traçado inseguro, aparência desenquadrada das letras, rigidez e falta de leveza do conjunto (o reconhecimento destas características é muito subjetivo necessita-se de contraste com textos habilmente executados); irregularidade da empaginação (não há proporção entre as margens); letras monolíticas (diz respeito à falta de cursividade e com o desenho autônomo dos caracteres). Estes parâmetros, conforme a autora, não necessariamente são

cumulativos ou equilibrados, e acrescenta ainda, para análise, a aquisição da escrita segmental, sendo esta definida como: “A aquisição da escrita alfabética exige assim, junto dos iniciados, a emergência, que lhes permite segmentar as unidades da língua em consoantes e vogais.” (MARQUILHAS, 2000, p. 242), e os fenômenos de mudança fonética e fonológica.

Santiago (2012) baseia o seu estudo nos critérios desenvolvidos por Marquilhas (2000) citados anteriormente; Barbosa (1999) com as cartas de comércio do século XVIII, de escreventes pouco hábeis no Brasil colonial; e por Oliveira (2006), com as atas de uma irmandade negra da Bahia no século XIX. De acordo com Lacerda, Carneiro e Santiago (2016), a união de características encontradas nas cartas revela que os escreventes não são muito familiarizados com a escrita e por esta questão denotam indícios da variedade português popular. Visto que, o distanciamento das normas gramaticais e ortográficas demonstra que os escreventes tiveram pouco contato com os padrões normativos escolares. Desse modo, a falta de habilidade na escrita apresenta marcas em diversos planos, Santiago (2012) utiliza no seu estudo os seguintes:

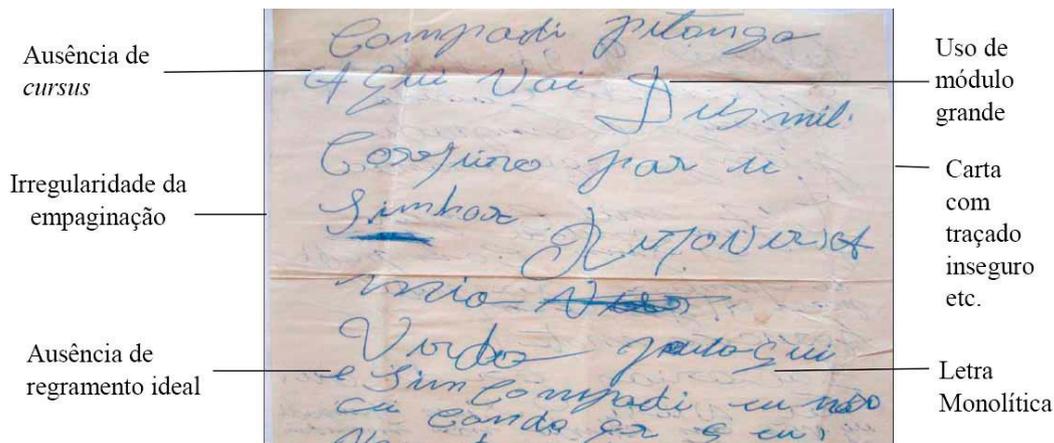
- a) aspectos supragráficos e paleográficos, como ausência de *cursus*, módulo grande, ausência de regramento, traçado inseguro e letras com aparência desenquadrada; b) segmenta-

ção gráfica, em dados de hipossegmentação e hipersegmentação; c) aspectos relacionados à escriptualidade, como grafia de sílabas complexas, representação da nasalidade e representação de dígrafos; d) escrita fonética, como os casos de elevação de vogais médias (em posição pretônica, postônica e em monossílabos), abaixamento de vogais altas, anteriorização, e posteriorização de vogais, redução de ditongos, ditongação, nasalização, palatalização, rotacismo, lambdacismo, prótese, paragoge, aférese, síncope, apócope e metátese; e) repetição lexical. (LACERDA, CARNEIRO e SANTIAGO, 2016, p. 139)

A figura 01, ilustra os aspectos paleográficos aplicados no trabalho de Santiago (2012):

De acordo com Santiago (2012), a especificação dos documentos a partir dos aspectos indicados que se relacionam com a escrita e a aparência física dos textos, evidenciam sinais produzidos por aqueles que se encontram em fase inicial de aquisição da escrita, inclusive alguns dos aspectos empregados correspondem aos utilizados para a análise de textos infantis. No entanto, para uma investigação mais precisa sobre as marcas de inabilidade presentes nos textos, a autora explora outros planos⁸ como o da grafiação e da *escriptualidade* (aspectos de aquisição da escrita).

Figura 01 – Critérios paleográficos utilizados na análise de Santiago.



Fonte – Trecho de carta extraída do estudo de Santiago (2012, p. 184).

Assim sendo, localizar documentos que sejam mais próximos de uma escrita cotidiana, produzida por aqueles que não possuem uma maior habilidade das práticas de escrita, não é fácil, e isso pode ser visto através da produção de pesquisas na esfera do português culto em relação ao português popular brasileiro. Por esta razão, a construção de *corpora* que apresentem dados representativos do português popular é de essencial importância para a recomposição de aspectos sócio-históricos e linguísticos dessa vertente. Poucos trabalhos apresentam documentos onde a escrita se aproxima do vernáculo. No Brasil, destacam-se os estudos de Oliveira (2006), com uma documentação constituída por atas escritas por africanos e afrodescendentes, na Bahia do século XIX; Barbosa (1999), com as cartas de comércio trocadas entre mercadores das colônias europeias no século XVIII que apresentam reflexos de marcas de oralidade na escrita; Carneiro (2005), com cartas do período de 1808-1904, de escreventes cultos e não cultos ou semicultos, sendo estes, pertencentes ao interior do território baiano; Lobo (2001), que trabalha com cartas pessoais escritas por remetentes de origem portuguesa e brasileira no século XIX, que fornecem indícios da variedade português popular.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo tratou sobre a importância de *corpora* para o estudo do português popular brasileiro, através de referencial teórico sobre o tema, e da análise do *corpus* de Santiago (2012) que demonstra características da escrita de redatores semialfabetizados. Verificou-se que, de acordo com Mattos e Silva (2004), contribuíram para o multilinguismo generalizado ocorrido no Brasil colonial, o contato entre as línguas indígenas, africanas e o português europeu. Esse multilinguismo, juntamente com a segregação social sofrida, principalmente, pelos africanos e afrodescendentes, maioria da população desse período, gerou uma clivagem linguística que perpetuou para as gerações seguintes uma variedade de língua adquirida em condições imperfeitas. O que deu início a uma forte diferenciação linguística, ocorrida entre a língua utilizada nos centros urbanos, daquela falada pela maioria da população sem acesso aos direitos básicos.

No intuito de reconhecer as variantes utilizadas pela população das classes desprestigiadas socialmente, Mattos e Silva (2004) reconhece o português geral brasileiro, constituído na oralidade, como antecedente histórico do português popular brasileiro. Diante disso, a autora salienta a importância de se reconstruir os aspectos sócio-históricos dessa variedade que, por muito tempo foi considerada uma “degradação” da norma culta ou padrão. Com isso, torna-se essencial trabalhar com documentos que retratem a “voz” daqueles que foram lançados à margem dos interesses da sociedade. Todavia, como não é possível ter acesso a fala dos habitantes de épocas passadas, só resta o trabalho com documentos que possam retratar indícios da oralidade na escrita, desse modo, *corpora* constituídos por mãos inábeis são muito importantes para reconstrução e valorização da variedade português popular do Brasil, um dos principais objetivos dos pesquisadores vinculados ao Projeto *Para a História do Português Brasileiro*, dentre outros.

NOTAS

- 1 Plural de *corpus* – conjunto de documentos utilizados para análise linguística.
- 2 Sobre isso, conferir o estudo de Mussa (1991), o autor retrata a demografia estabelecida no território brasileiro dos séculos XVI ao XIX.
- 3 Sobre a visão de Serafim da Silva Neto conferir a obra *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil* (1950).
- 4 Acesso a escolarização, aos fundamentos adotados pela norma padrão. Lucchesi (2015, p. 177) aponta que a normatização linguística, principalmente no Brasil, se trata de “[...] um poderoso instrumento de dominação ideológica e de discriminação de classe, além de obviamente ser fortemente definida em função do *status* social dos usuários da língua.”
- 5 Neste processo, há situações de contato maciço, radical e abrupto que levam a formação, em um curto período, de uma língua nova, sendo esta distinta, na estrutura gramatical, das outras que contribuíram para a sua formação. Conforme Lucchesi (2015, p. 95), “A formulação do conceito de transmissão linguística irregular tem por objetivo estender o escopo das mudanças que afetam a estrutura gramatical da língua em situação de contato massivo, para além da *pidginização* e da *crioulização* típicas.”
- 6 Conforme Mattos e Silva (2008), o projeto *Para a História do Português Brasileiro* (PHPB) caminha na direção da reconstrução e escrita de uma história do português brasileiro. De acordo com Barbosa (2008, p. 183), o PHPB, desde 1997, “[...] articula equipes de pesquisadores de várias universidades no Brasil sob quatro perspectivas principais: linguística de *corpus*, história social do português brasileiro, sintaxe funcional e gerativa e ainda estudos lexicais.”
- 7 Esta amostra pertence ao acervo *Cartas de Sisal: Riachão do Jacuípe, Conceição do Coité e Ichu*, que faz parte do banco de dados do projeto

Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão (CE-DOHS) (Fapesb 5566/2010 - Consepe 202/2010) coordenado pelas Professoras Dras. Zenaide de Oliveira Novais Carneiro e Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda na Universidade Estadual de Feira de Santana.

- 8 Conferir a pesquisa de Santiago (2012) *Um estudo do português popular brasileiro em cartas pessoais de “mãos cândidas” do sertão baiano*.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Silvana Silva de Farias. O português popular do semiárido baiano: fundamentos teóricos, sócio-históricos e empíricos. In: LOPES, N. da S.; OLIVEIRA, J. M. de; PARCERO, L. M. de J. (Org.). *Estudos sobre o português do Nordeste: língua, lugar e sociedade*. São Paulo: Blucher, 2017. 150 p.; PDF; il. color. Disponível em: <<http://openaccess.blucher.com.br/article-list/9788580391534-329/list#articles>>. Acesso em: 18 ago. 2017.
- BARBOSA, Afranio Gonçalves. *Para uma história do português colonial: aspectos lingüísticos em cartas de comércio*. Rio de Janeiro, 1999. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- _____. Tratamento dos *Corpora* de sincronias passadas da língua portuguesa no Brasil: recortes grafológicos e lingüísticos. In: LOBO, Tânia et. al. (Org.). *Para a história do português brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2006. v.6, t.2. p.761-780. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/posverna/docentes/71719-1.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2017.
- _____. Fontes escritas e história da língua portuguesa no Brasil: as cartas de comércio no século XVIII. In: LIMA, I. S.; CARMO, L. do (Org.). *História social da língua nacional*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, p. 181-211, 2008. Disponível em: <<http://www.coresmarcasefalas.pro.br/adm/anejos/19122008182924.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2017.
- CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. *Cartas brasileiras (1808-1904): um estudo lingüístico-filológico*. 2005. 4v. 2.329f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2005.
- CONRAD, Robert. *Os últimos anos da escravatura no Brasil: 1850-1888*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1978 [1972].
- HOUAISS, Antônio. *O português do Brasil*. Rio de Janeiro: UNIBRADE/UNESCO, 1985.
- LABOV, William. Estágios na aquisição do inglês standard. In: FONSECA, M.; NEVES, M. (Org.). *Sociolingüística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.
- LACERDA, Mariana Fagundes de Oliveira; CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais; SANTIAGO, Huda da Silva. *Corpus eletrônico de documentos históricos do sertão: as cartas de inábeis*. Revista *A Cor das Letras*, v. 17, n.1, p. 127-143, 2016. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/1463/pdf_1>. Acesso em: 18 ago. 2017.
- LOBO, Tânia Conceição Freire. *Para uma sociolingüística histórica do português no Brasil: edição filológica e análise linguística de cartas particulares do Recôncavo da Bahia, século XIX*. 2001a. 4v. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- LUCCHESI, Dante. Variação e Norma: elementos para uma caracterização sociolingüística do português do Brasil. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, 12: 17-28, 1994.
- _____. As duas grandes vertentes da história sociolingüística do Brasil (1500-2000). *D.E.L.T.A.* São Paulo, v. 17, n. 1, 2001, p. 97-132. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v17n1/a05v17n1.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2017.
- _____. Norma lingüística e realidade social. In: BAGNO, Marcos. (Org.). *Lingüística da norma*. São Paulo: Edições Loyola, 2002, p. 63-92.
- _____. Parâmetros sociolingüísticos do português brasileiro. *Revista da ABRALIN*, v. 5, n. 1 e 2, p. 83-112, dez. 2006. Disponível em: <http://www.abralin.org/revista/RV5N1_2/RV5N1_2_art4.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2017.
- _____. *Língua e sociedade partidas: a polarização sociolingüística do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015.
- MARQUILHAS, Rita. *A faculdade das letras: Leitura e escrita em Portugal no séc. XVII*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- _____. Para a história do português culto e popular brasileiro: sugestões para uma pauta de pesquisa. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade*, nº 34, p. 11-30, 2008a. Disponível em: <<http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/34/artigo1.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2017.
- MATTOSO, Kátia. *Ser escravo no Brasil*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1990 [1979].
- MUSSA, Alberto. *O papel das línguas africanas na história do português do Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ (dissertação de mestrado), mimeo, 1991.
- OLIVEIRA, Klebson. *Negros e escrita no Brasil do século XIX: sócio-história, edição filológica de documentos e estudo lingüístico*. 2006. 3v. 1144f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.
- PROJETO CORPUS ELETRÔNICO DE DOCUMENTOS HISTÓRICOS DO SERTÃO Disponível em: <www.uefs.br/cedohs>. Acesso em: 18 ago. 2017.

SANTIAGO, Huda da Silva. *Um estudo do português popular brasileiro em cartas pessoais de “mãos cândidas” do sertão baiano*. 2012. 2v. 256f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2012. Disponível em: <https://issuu.com/prohpor/docs/disserta_o_huda_santiago_2012>. Acesso em: 18 ago. 2017.

SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Presença/MEC. 1950.

OS AUTORES

Elane Santos e Santos é Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Bolsista CAPES de Mestrado. E-mail: lanysnts@gmail.com

Silvana Silva de Farias Araújo é Doutora em Língua e Cultura pela UFBA. Professora do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Santana (UEFS) e do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana (PPGEL-MEL/UEFS). Tem experiência na área de Linguística Histórica, com ênfase em Sociolinguística, atuando principalmente nos seguintes temas: formação do Português do Brasil, contatos linguísticos, variações morfossintáticas e variedades africanas do Português. Atualmente é coordenadora do Mestrado em Estudos Linguísticos (PPGEL-MEL/UEFS).

